

Programas e idéias dividem colônia japonesa em Brasília

A maior colônia japonesa em Brasília não se entende, e dois grupos disputam a adesão da "japonezada" (como eles mesmos se definem) para os seus programas e idéias.

O japonês Mitsuzo Uchida, há 17 anos no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, é um dos pioneiros do lugar e por quatro vezes foi presidente da Colônia Japonesa, no Alexandre Gusmão, estando no momento à frente dos seus trabalhos.

Uchida, no entanto, não se entende com o atual presidente da Associação Rural Alexandre Gusmão, Juniti Hayakawa, o que vem deixando os japoneses do Núcleo divididos em duas facções.

Mitsuzo Uchida conta que ele continua no cargo de presidente da Associação Rural, que deveria ter sido fundida na Associação Rural Alexandre Gusmão, que dispõe hoje, de um maior número de associados.

Da Associação liderada por Uchida não podem pertencer brasileiros natos mas somente aqueles casados com japoneses ou filhos desses, enquanto que na dirigida por Hayakawa a única exigência é que os associados sejam colonos do Alexandre Gusmão.

As desavenças entre os dois grupos se demonstram também em momentos de festa, pois a tradicional **Gincana** realizada anualmente para congregar a colônia japonesa do Alexandre Gusmão, contará esse ano com duas datas. A primeira, dia 1º, de julho, deverá ser realizada pelo grupo do Uchida, enquanto a Associação liderada por Hayakawa fará a sua no próximo dia seis.

CONDIÇÕES

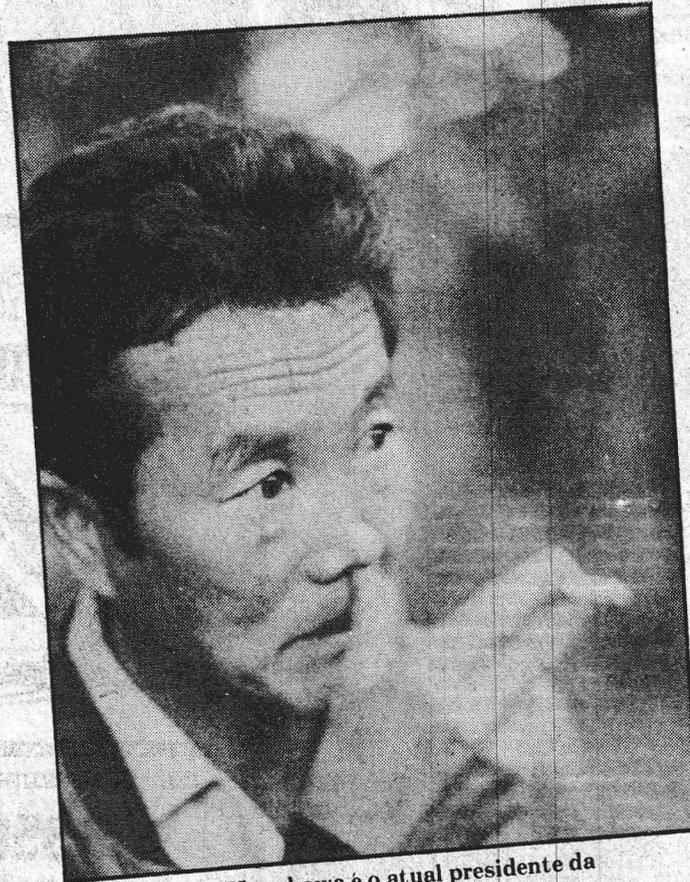
Apesar da política segregacionista entre os japoneses do Alexandre Gusmão, as 109 famílias de japoneses da área vivem as suas vidas normalmente, no duro trabalho do campo, despojados de qualquer luxo, pois para são as residências que não possuem o aspecto de um acampamento de serviço.

"Japonês primeiro trabalha para ter conforto", diz Masao Aoto, presidente de Assai (PR), há sete anos no Alexandre Gusmão, onde planta goiaba e alguns hortifrutigranjeiros que ele leva às segundas e quinta-feiras para a Ceasa.

Reclama ele do preço do adubo, do inseticida, "o mais usado deles custando Cr\$ 5 a 7 mil o litro, e os bichos cada vez ficando mais fortes", ressaltou ele em um português difícil de entender.

Nayoshi Suzuki, planta morangos, abóbora e goiaba e tem também sete anos de Alexandre Gusmão, morando antes na cidade de Cotia (SP).

Como todos os colonos daquele Núcleo lamenta ele a política agrícola



Juniti Hayakawa é o atual presidente da Associação Rural do núcleo e não se entende com o ex-presidente da colônia



Mitsuzo Uchida, há 17 anos em Alexandre Gusmão, lidera uma das associações daquele núcleo rural

do governo brasileiro, a dificuldade de empréstimo e os altos juros dos financiamentos.

Contudo, nenhum dos colonos demonstra interesse em voltar a sua terra de origem, e lembram que hoje os seus filhos são brasileiros e aqui eles devem apenas cultivar a sua língua ("em casa de japonês não se fala português"), a sua cultura é religião.

Entretanto, explica Nayoshi Suzuki que quando aqui chegou foi chamado à escola do filho, pois esse havia sido reprovado por não saber falar e nem escrever o português. Hoje — diz ele — apesar de mantermos uma escola onde se ensina a língua japonesa para os nossos filhos, eles estão sendo reprovados em nossas casa por estar em deixando de falar o japonês.

CEREALISTA

Alguns japoneses do Núcleo Rural Alexandre Gusmão vêm tendo

grande sucesso em suas lavouras, como é o caso do Takeu Ikeda, 57 anos, que deverá colher esse ano 3.700 sacas de café e 5 mil sacas de arroz, que já se encontram estocadas até na sua ex-sala de estar, à espera de melhores preços.

O japonês Ikeda, como ele mesmo conta, chegou a Brasília em 1974, proveniente de Assai (PR), onde perdeu tudo que tinha com o plantio de algodão.

— Só com muita dificuldade — lembra ele — consegui um empréstimo bancário em Brasília, pois, na época, tudo que eu tinha era minha mulher e os meus três filhos, e nada para ser hipotecado.

Lembra ainda Takeu Ikeda que somente depois de 1974, o Projeto Integrado da Colonização do Incra "Alexandre Gusmão" recebeu grandes investimentos. Antes dessa data, ressaltou ele, havia apenas um termo de

compromisso de compra e venda entre o INCRA e os colonos o que dificultava qualquer empréstimo, pois os bancos exigiam carta de anuência e dois avais, coisa difícil para um agricultor".

— Somente após alguns contatos que mantive com o então senador Ney Braga —, diz Takeu Ikeda, é que as coisas começaram a melhorar, pois o senador se empenhou em resolver o nosso problema e apressar a possibilidade de obtenção de título definitivo junto ao INCRA, o que nos facilitou o crédito bancário.

POLÍTICA

Dado a esse tipo de experiência, "forçar a classe política para atender às suas reivindicações", é que os agricultores do Alexandre Gusmão se demonstram bastante interessados em uma representação política para Brasília.

lia, sendo todos unânimes em dizer que elegeriam com facilidade um representante dos agricultores o Distrito Federal, "tanto a nível de Senado como a nível de Câmara", disse Takeu Ikeda.

Por outro lado, lembra o japonês Ikeda que com um maior apoio da classe política poderiam eles provar a viabilidade do cerrado, pois explora ele uma área de 158 hectares de cerrado, empregando cerca de 100 pessoas na cultura do arroz, café e hortifrutigranjeiros como o alho, cenoura, e beterraba.

Toda a família de Takeu Ikeda trabalha no campo, sendo que a sua esposa, Yassuko Kiy, administra em grande parte o trabalho da fazenda, ficando ainda encarregado das operações contábeis, quando a sua nora se encarrega dos serviços domésticos.

— O Alexandre Gusmão tem condições de abastecer Brasília em quase a totalidade dos produtos de que a sua população precisa, diz Ikeda, salientando que para isso seria necessário uma melhor orientação técnica, mais financiamento, e um programa de abastecimento adequado, capaz de aproveitar bem o excedente dessa produção e atender o mercado naquilo de que ele necessita.

ABANDONO

Mesmo com esse otimismo reclamam os japoneses do alto custo de se produzir em Brasília, pelo fato de que a terra fraca exige uma grande quantidade de adubo e matéria orgânica (em sua grande maioria importada de São Paulo), já que segundo eles, o adubo de lixo, fabricado pelo SLU, não atende à demanda.

Por esse problema e pela falta de incentivos para a produção agrícola ("incentivos que assegurem êxito na produção") é que o japonês Mori Takayuki, da chácara 2/217 está levando a sua terra à venda, após dez anos de Alexandre Gusmão.

— Burro só passa em ponte quebrada uma vez, e eu aqui estou fazendo um papel pior, pois tomo cabeçada todo ano e volto a tentar atravessar a ponte, diz Takayuki, lembrando que ainda esse ano ele deve voltar a sua antiga profissão de lanterneiro, "pois o nosso trabalho não compensa, e quando aumenta o preço dos hortifrutigranjeiros a dona-de-casa acha caro demais e quer fazer até greve".

Ressaltam também os chacareiros do Gusmão que quando não ocorre esse tipo de pressão econômica aparece um outro tipo de pressão ao seu trabalho, como o ocorrido há cerca de dois meses quando viaturas da PM, que disseram estar a mando da Terracap, invadiram a chácara de Takeu Ikeda, um dos maiores produtores do Alexandre Gusmão, cortando quase todo o seu arame e levando até as madeiras que cercavam as terras de sua propriedade.

Reportagem de Iara Alencar e Márcio di Pietro